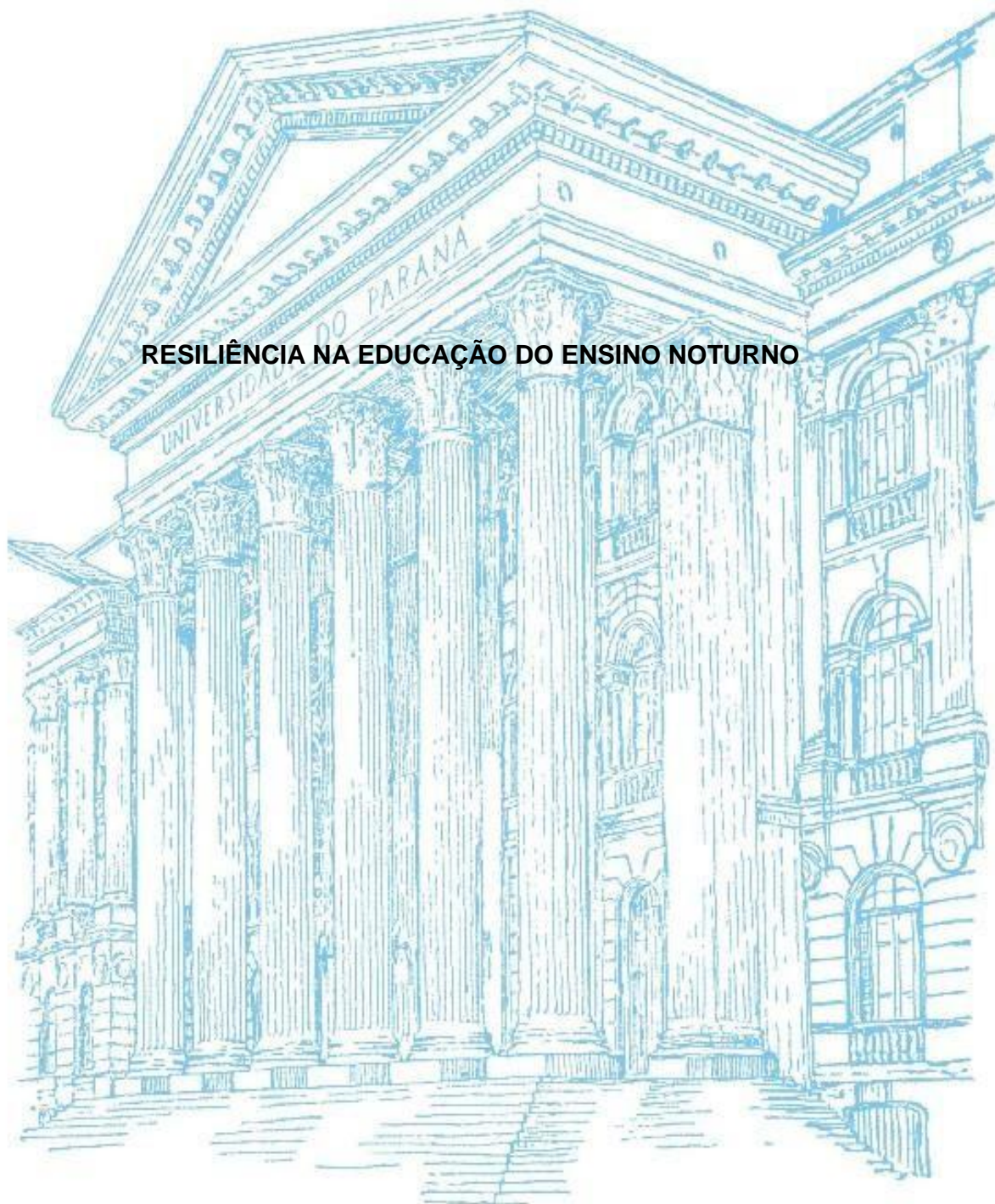


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

FRANCYANNE KOZLINSKEI

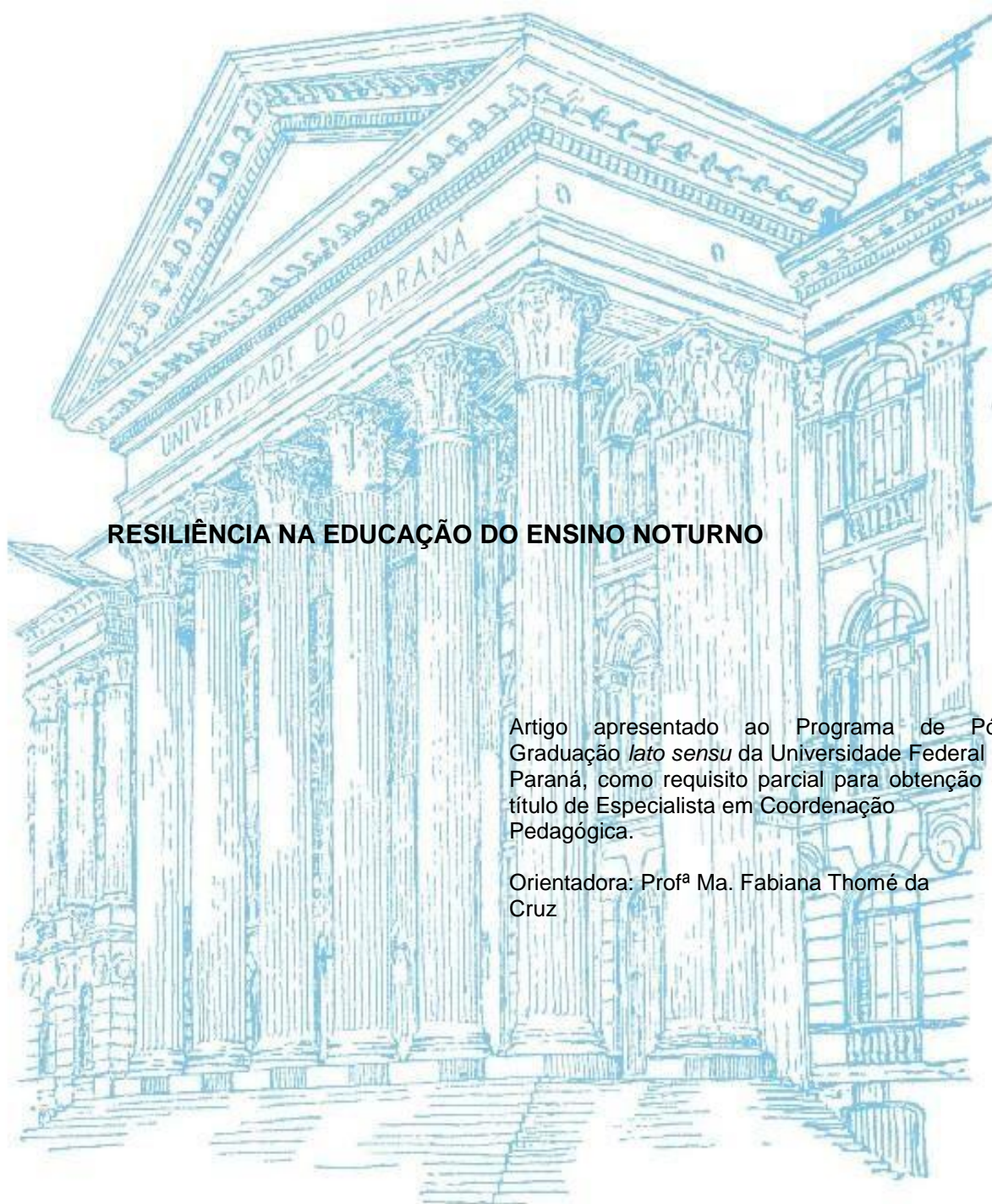


RESILIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO ENSINO NOTURNO

CURITIBA

2016

FRANCYANNE KOZLINSKEI



RESILIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO ENSINO NOTURNO

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação *lato sensu* da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientadora: Profª Ma. Fabiana Thomé da Cruz

CURITIBA,
2016

RESILIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO ENSINO NOTURNO

FRANCYANNE KOZLINSKEI¹

RESUMO

Esta pesquisa parte de um levantamento bibliográfico sobre o tema, resiliência no ensino noturno, e utiliza como fundamentação o referencial de Costa e Koslinski (2006), Freire (1996), Freitas (2016), Silva e Lourencetti (1995), Bourdieu e Champagne (2007), dentre outros. O artigo apresenta uma abordagem que entende que os docentes, a escola como um todo e o governo devem assegurar o direito à participação social, a cidadania, educação de qualidade e ensino-aprendizagem de acordo com a realidade escolar dos alunos e da instituição, de modo consciente. Sob esta ótica, acredita-se que é possível, sim, que os alunos compreendam e tenham uma postura crítica e transformadora de sua realidade social. Todavia, para que esta educação emancipadora aconteça, como se deve ensinar? Conjecturando sobre este impasse, e buscando compreender, para rever e tentar superar práticas docentes há muito arraigadas, realizou-se esta pesquisa em uma escola da rede pública do estado do Paraná, através da aplicação de questionários semi-estruturados, que foram respondidos pelos estudantes. Desta forma, buscou-se analisar, sob a ótica discente, aspectos referentes à prática docente no Ensino Noturno, aos métodos e didáticas de ensino que são adotadas pelos professores deste período, nos anos finais do Ensino Fundamental. Existe uma crítica persistente, por parte dos docentes, de que os alunos do ensino noturno, diferente dos demais turnos, são de idade fora de série, indisciplinados, usam drogas e álcool, são de classe menos favorecida, moças grávidas, todavia, que tipo de aula está sendo planejada para a realidade desses alunos(as)? Está sendo igual aos outros turnos? Está sendo realizada a flexibilização curricular? Esta reflexão é necessária, pois um fator importante que difere os estudantes do ensino noturno dos demais alunos atendidos nos outros períodos é a baixa autoestima, a falta de motivação. Potencializadas por outro universo de vida, do aluno trabalhador, das violências domésticas, da falta de visão de futuro próprio, há muitos mais fatores imbricados neste contexto. Ao término da pesquisa, dentre outras considerações, constatou-se a importância de ouvir e de ser um professor que marque estas vidas, transforme parte delas e realize a maior forma de lecionar, que é, sob nosso ponto de vista, amar sua profissão e entendê-la para atendê-los, pois são seres humanos que precisam de pessoas que não desistam deles.

Palavras-chave: Reflexão sobre a prática docente. Qualidade da Educação.

Direito à Educação. Estudantes do ensino noturno.

¹ Artigo produzido pela cursista Francyanne Kozlinskei, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, Email: fran@live.ru

1 - INTRODUÇÃO

A Lei nº 9.394/1996, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 4º estabelece: “I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria e VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”.

Estes artigos da Lei direcionam perfeitamente o assunto tratado, de que o ensino noturno deve ser adequado às condições do educando. Infelizmente nossa realidade não é esta, mas de baixo desempenho escolar, surgimento de outros problemas que dificultam a aprendizagem, tais como professores que utilizam as mesmas aulas expositivas dos outros turnos, manhã e tarde, no ensino noturno, desconectadas da realidade dos alunos desse período. Muitos estudantes apresentam desinteresse, cansaço, desmotivação e baixa autoestima.

Alguns fatores, derivados da prática docente, que podem estar influenciando as questões acima arroladas são: a falta de metodologias, didática, atrativos na escola e a imposição de conteúdos desvinculados da realidade desses estudantes. Percebe-se que os professores encontram como obstáculo a falta de um projeto coletivo, dessa forma fica difícil o desenvolvimento de projetos e intervenções que possam ajudar a conhecer a realidade de seus alunos.

Constata-se que as escolas públicas da rede estadual do Paraná, e nesse contexto o ensino noturno aparece ainda mais precarizado, encontram-se com problemas que vão desde a falta de infraestrutura até o alto índice de rotatividade de professores. Problema este ocasionado pelo sistema de contrato temporário de docentes, os chamados PSS (Processo Seletivo Simplificado), contratos de curto prazo e já com tempo pré-determinado para encerrar. Nesse cenário, o foco das escolas, exigido pelo governo do estado do Paraná, através da Secretaria Estadual de Educação, é atingir, nas avaliações do Sistema Nacional de Avaliação da

Educação Básica, tais como Prova Brasil² e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); metas que visam aumentar o índice de proficiência nas provas, o IDEB. Este mesmo gestor que “cobra” o aumento do IDEB nas escolas, não investe em políticas públicas que

² A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados. Nos testes aplicados no quinto e nono anos do ensino fundamental, os estudantes respondem a questões de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas. As médias de desempenho nessas avaliações subsidiam o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), ao lado das taxas de aprovação nessas esferas. Disponível em :

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=210&Itemid=324

possam atender a demanda das necessidades reais das escolas para a melhoria da qualidade da educação pública, direito de nossos alunos.

Por outro lado, para as especificidades do corpo estudantil que frequenta o ensino noturno, são necessárias também mudanças nas práticas pedagógicas, adequação dos conteúdos, da metodologia, contextualização, respeito às diferentes vivências, reflexões e debates, e respeitar o tempo de aprendizagem de cada um. Essas mudanças exigem o comprometimento de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ensino noturno, pois este é um turno diferenciado e não uma extensão do diurno piorada.

Podemos perceber, na legislação educacional para o ensino noturno, que a lei explicita que a escola e suas práticas pedagógicas devem adequar-se aos estudantes deste período, e não o contrário.

1.1 - JUSTIFICATIVA:

O Ensino Fundamental noturno já há alguns anos se tornou um dos principais focos das reflexões da autora. A preocupação é retroalimentada pela visão negativa que muitos profissionais da educação tem desta realidade de ensino. Este artigo visa problematizar a questão e incentivar o leitor, no processo, a fazer-se alguns questionamentos. Atuando na coordenação pedagógica de uma escola estadual do interior, trabalhando com três turmas dos anos finais do ensino fundamental: 7º, 8º e 9º anos (alunos com faixa etária de 14 a 25 anos), a autora pôde constatar a dificuldade de se conseguir concretizar o direito dos alunos do ensino noturno ao aprendizado e a uma educação de qualidade.

A triste e dura realidade é que não é incomum encontrar pelos corredores da escola discentes gritando, literalmente, por mudanças, cansados de aulas idênticas dos outros turnos. Eles criticam a postura de alguns professores. Alunos que vem cansados do trabalho, esperando encontrar na escola e na educação a oportunidade de aprender e se capacitar para um emprego com salário mais digno e oportunidade de vida melhor, reclamam de tempo de aula ocioso.

Alguns estudantes, que já não veem sentido em uma escolarização desarticulada da sua realidade, apresentam uma conduta desafiadora ou opositora, o que dificulta um outro olhar e uma maior compreensão dos docentes quanto às suas dificuldades e particularidades.

Porém, como transformar esse processo de ensino aprendizagem em algo que realmente tenha significado? Este é um desafio para muitos profissionais da educação, em especial para os professores e coordenadores pedagógicos. Planejar sem refletir, almejando apenas cumprir atividades burocráticas, pode tornar-se uma prática vazia, sem objetivos. Sendo assim, este trabalho se propõe a trazer reflexões sobre a importância de focar, refletir

sobre a prática docente, o planejamento pedagógico e os caminhos que podem nos levar a alternativas pedagógicas que propiciem a melhoria da qualidade da educação escolar. Não há um manual de tarefas, nem um livro de receitas a ser seguido pelas escolas. Buscar avançar na oferta de um ensino público de qualidade requer investigar, problematizar e descobrir indícios que revelem qual/quais caminhos podem ser trilhados para tornar resiliente a educação no ensino noturno.

1.2 - OBJETIVOS:

1.2.1 - Objetivo Geral: Levantar informações e refletir sobre a prática do ensino noturno.

1.2.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Obter, com planejamento e projetos, meios para repensar, através de diversas formas eficazes, a melhoria da qualidade da educação no ensino noturno.
- Estudar propostas alternativas para a educação do ensino noturno de publicações da literatura.
- Observar a resistência à mudança e/ou aspectos facilitadores das mudanças nos professores.

2. A EDUCAÇÃO NO PERÍODO NOTURNO SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES

Esta pesquisa foi realizada no decorrer do 1º semestre de 2014, em escola pública da Rede Estadual do Paraná, localizada em área urbana de município de pequeno porte no interior do estado. Durante a pesquisa, vários foram os instrumentos utilizados para investigar a realidade enfrentada pelos estudantes nesta escola pública de ensino noturno. O intuito inicial era de verificar, entre outras, questões que poderiam estar influenciando o processo de ensino aprendizagem, a dificuldade de aprendizagem, e os problemas candentes nas relações interpessoais, seja entre pares, aluno-aluno, seja entre professores e alunos. Tanto nos questionários respondidos, quanto nas conversas realizadas com grupos focais no período, entre estudantes e coordenação pedagógica, os alunos destacaram vários problemas que depois, ao analisar a questão à luz da literatura pesquisada, pode-se inferir que são semelhantes em várias escolas públicas de período noturno pesquisadas. Uma das críticas recorrentes dos estudantes é sobre a rotina monótona das salas de aula. Pudemos constatar semelhanças entre as críticas registradas em estudo realizado pelas professoras da USP Silva, Lourencetti e Rached (1995).

[...] "Só tem ditado, lousa cheia, cópias e questionários..."

"A maioria aqui não têm nem material, e pra falar com o professor e perguntar alguma coisa é impossível, eles não tem contato com o pessoal, não falam e nem ouvem a gente, e se acontece coisa grave que sempre acontece daí eles falam um monte"

"Os professores mandam a gente pegar os livros e copiar, isso quando eles tão com preguiça e mandam a gente passar no quadro ou ditar"

"O que mais dá raiva em todos os alunos aqui é que as atividades da manhã é sempre melhor: pesquisas diferentes, excursões, aulas práticas, vídeos, exposições... mas pra nós os "excluídos não" [...] (SILVA, LOURENCETTI e RACHED, 1995, p.69)

Quando instigados a analisarem a si mesmos, relatam:

[...] "A gente passa o dia inteiro fazendo outras coisas, trabalhando engolindo sapo, (iii) vocês nem sabem o que é minha vida, daí chega à noite, a bomba estoura!"

"Na escola não tem tempo pra nada e nada diferente pra fazer, e sempre nos julgam mal..." [...] (SILVA, LOURENCETTI e RACHED, 1995, p.69:70)

Essas questões escolares e sociais, somadas com os problemas que adolescentes - adultos têm, podem acabar ampliadas devido a agressividade e falta de respeito que eles tiveram por parte dos adultos. Isto transparece no relato dos alunos, que também mostram estes traços nas relações entre eles, se desrespeitam e não participam das aulas, não tem registro dos conteúdos das disciplinas... Eles gritam: "É na porrada mesmo! Diabo de escola! Odeio esse professor". Dessa forma, como transparece na narrativa de um dos estudantes entrevistados por Silva, Lourencetti e Rached (1995), o processo de autoexclusão da escola muitas vezes é repetido: "É só expulsa dona!".

Pesquisa realizada por Costa e Koslinski com estudantes do Rio de Janeiro em 2006, em três escolas inseridas em diferentes áreas da cidade, com realidade sócioeconômica dos alunos muito desiguais, demonstra claramente como os alunos oriundos das classes mais desfavorecidas, mormente os do noturno e que trabalham durante o dia, já internalizaram esse julgamento escolar de tal forma que eles mesmos se auto eliminam, têm dúvidas sobre suas capacidades e nem vão tentar seguir as carreiras que almejavam, por se julgarem incapazes de terem êxito.

[...] "Eu venho para a escola pra poder terminar o segundo grau, só. Faculdade e vestibular é bobeira, para mim! Não vou conseguir nada mesmo! Segundo grau, se conseguir!"

"Eu vou tentar estudar até o segundo grau e parar, e se não conseguir vou parar na mesma. De segundo grau pra lá não vou conseguir nada mesmo." [...] "Antes eu queria ser médica de autópsia, mas eu vi que não era o meu dom, hoje eu penso em decorar apartamento, ou criar assim" [...]

"Eu gostaria de continuar estudando, fazendo vestibular, uma faculdade... Eu gostaria de fazer medicina. Eu sei que não dá para fazer, mas eu sempre gostei..." [...] (COSTA E KOSLINSKI, 2006, p145,146)

Triste realidade que atinge os estudantes das classes mais economicamente desfavorecidas. A escola, que deveria formar para a cidadania, a consciência crítica da realidade e para, através da socialização dos conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade, o preparo para o acesso a um trabalho mais digno e melhores condições de vida, acaba excluindo e prejudicando a própria autoestima desses estudantes.

Para Bourdieu

[...]“o processo de eliminação foi diferido e estendido no tempo, e, por conseguinte, como que diluído na duração, a instituição é habitada permanentemente, por excluídos potenciais que introduzem nela as contradições e conflitos associados a uma escolarização cujo único objetivo é ela mesma”[...] (BOURDIEU, 2007, p221).

O autor prossegue mostrando que muitas vezes ao fim de um processo de escolarização levado a termo com muito sacrifício, o indivíduo se defronta com a realidade de quão pouca validade tem este diploma:

[...]“Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado; e, se fracassam, o que segue sendo seu destino mais provável, são voltados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante e mais total do que era no passado: mais estigmatizante, na medida em que, aparentemente, tiveram “sua chance” e na medida em que a definição da identidade social tende a ser feita, de forma cada vez mais completa, pela instituição escolar”[...] (BOURDIEU, 2007, p221)

Desta perspectiva, mais preocupante torna-se o problema, pois a exclusão ao final não se dá apenas no processo de ensino-aprendizagem, mas resulta em uma exclusão maior e mais definitiva, a da vida, do acesso a um emprego digno, da possibilidade de mobilidade social, da construção da cidadania. Uma educação com “finalidade em si mesma”, que apenas reproduz, que não proporciona reflexão, que não critica, que não emancipa, esse parece ser um dos ângulos do problema que nos propomos a estudar.

Talvez ouvir o que os alunos tem a dizer seja um primeiro passo no processo de reflexão da prática e início de um caminho a ser trilhado para a construção de um projeto pedagógico mais democrático e coletivo.

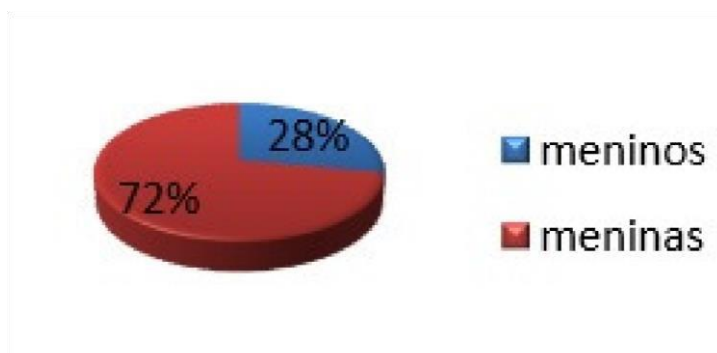
Segundo Silva, Lourencetti e Rached (1995), “quando questionados eles sugerem mudanças em sua rotina na escola, nada impossível. Os alunos pedem pouco, apenas o humano e pedagogicamente correto”.

3. A PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada no decorrer do 1º semestre de 2014, em escola pública da Rede Estadual do Paraná, localizada em área urbana de município de pequeno porte no interior do estado. A escola em questão dispunha de doze professores para lecionar, no período noturno, para uma turma do 7º ano com 10 estudantes; uma turma do 8º ano com 8 estudantes; e uma turma do 9º ano com 18 estudantes.

Características dos alunos do ensino noturno da escola pesquisada:

GRÁFICO 1 – Distribuição quanto ao sexo (em %)



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 2 - Divisão etária dos discentes



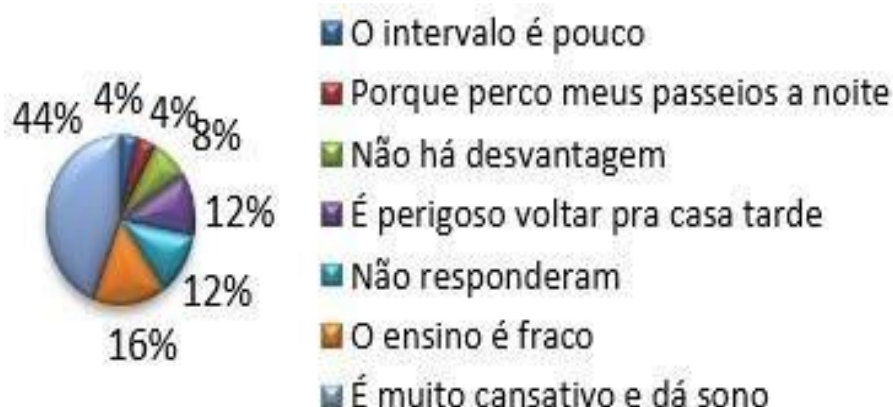
Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 3 – Alunos que trabalham



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 4 – O que consideram como desvantagens do ensino noturno



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

Os dados revelam que o perfil do corpo discente pesquisado é majoritariamente de estudantes trabalhadores. Na sua maioria mulheres, que percebem como desvantagem estudar no período da noite porque “é muito cansativo e dá sono”, seguido da crítica de que “o ensino é fraco” e de que “é perigoso voltar pra casa tarde”. Não por acaso, eles percebem que o ensino que recebem, num período em que as pessoas chegam cansadas do trabalho para estudar, tanto discentes quanto docentes, é frágil.

Como coordenadora pedagógica desta escola, a autora realizou vários projetos, planos de ação, intervenções e ações práticas com as turmas, sobre família, escola, autoestima, motivação, pré-conselho. Nesses espaços de diálogo, os alunos indicaram quais, para eles, eram alguns dos problemas mais graves da educação para o ensino noturno: condições físicas; regras do dia-a-dia (diferenças com o diurno); relação direção-aluno, professor-aluno e aluno-aluno; sobre como veem o trabalho dos professores e a precariedade a que a omissão do governo estadual está submetendo as escolas da Rede Estadual do Paraná.

Os professores foram convidados a aplicar a seus estudantes um questionário de diagnóstico dos problemas de ensino aprendizagem, bem como para conhecer a realidade, as dificuldades, especificidades e oportunidades de auxiliar os estudantes em suas dificuldades nas diferentes disciplinas. Infelizmente, poucos foram os professores que aderiram a proposta. Dentre os que aplicaram o questionário, está o professor de Inglês. Este obteve um retorno bastante interessante, o que nos ajudou a traçar um panorama sobre as reais demandas e necessidades dos estudantes, bem como aspectos que os angustiam e que consideram como obstáculos à aprendizagem, como podemos vislumbrar nos dados a seguir.

Nestes, percebe-se que a baixa autoestima aparece como um dos fatores que podem estar dificultando o aprendizado, pois 40% dos estudantes apontam que tem “medo de errar

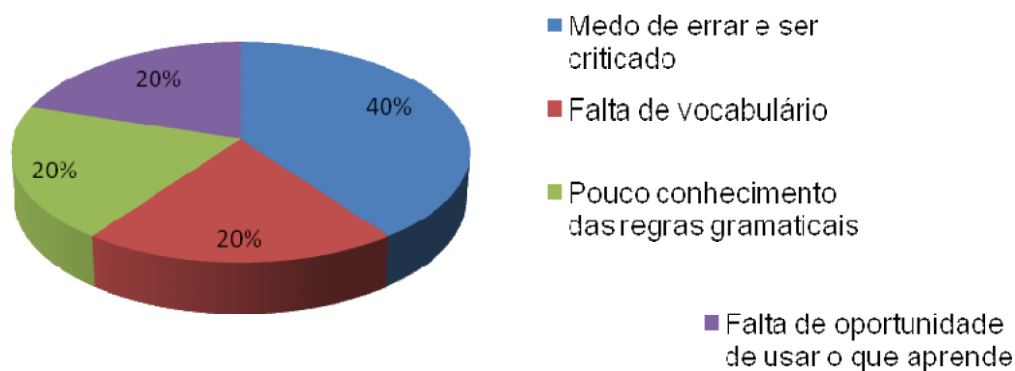
e ser criticado”. Dentre os fatores que podem levar a este sentimento, estão as críticas dos colegas (14%) e a atitude do professor quando o estudante erra (25%). Sob a perspectiva da aprendizagem este é um problema sério a ser levado em consideração. Num cenário onde 67% dos estudantes afirmam que não se sentem a vontade para falar Inglês em sala de aula, há um obstáculo real aí à prática do aluno, tendo em vista que a conversação é fator importante para o aprendizado da língua estrangeira.

Da mesma forma, o aparente desinteresse em aprender esta área do conhecimento, 48% se dizem mais ou menos interessados e motivados e 37% alegam estar nada interessados ou motivados, pode estar associado a uma sensação de baixa autoestima de que não conseguem, mesmo tentando, se apropriar daquele conhecimento necessário ao bom desempenho na disciplina. Esta questão aparece na frustração de ter pouco conhecimento das regras gramaticais (20%) e de repetir um determinado erro de gramática ou pronúncia com frequência (36%). O aparente desinteresse é desconstruído quando o associamos às expectativas sobre o que eles gostariam de aprender nas aulas de inglês, onde 67% afirmam que gostariam de ouvir e conseguir entender o que os outros falam.

Quando consultados sobre quais atividades gostariam de ter com mais frequência nas aulas de Inglês, 33% apontam a conversação, 33% atividades com jogos e 22% atividades com música, o que parece indicar uma demanda por um aprendizado mais lúdico e interativo, que tenha significado para esse perfil de alunos. Ao mesmo tempo alguns fazem uma crítica ao conteudismo dos textos e atividades passadas com frequência para copiar do quadro (69%), crítica que aparece com muita ênfase nos questionários respondidos.

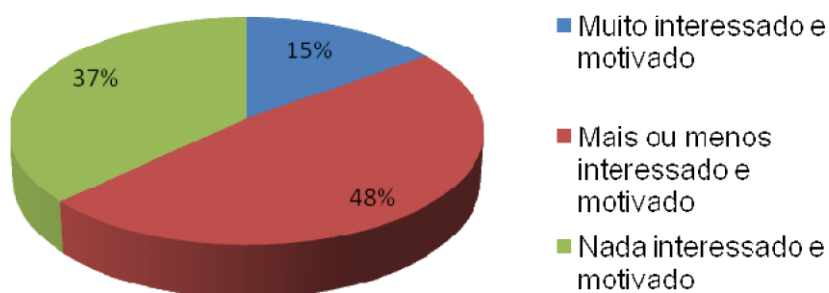
QUESTIONÁRIO SOBRE EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

GRÁFICO 5 - Em sua opinião, qual/quais do(s) item/itens abaixo é/são um problema para sua aprendizagem de Inglês? Assinale com X uma ou mais alternativas.



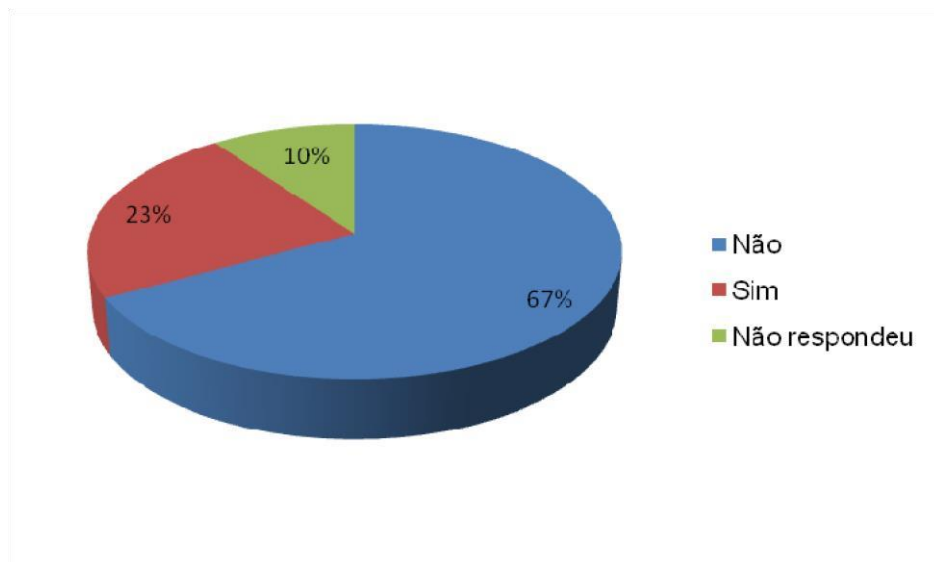
Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 6 - Você tem interesse e está motivado para aprender Inglês?



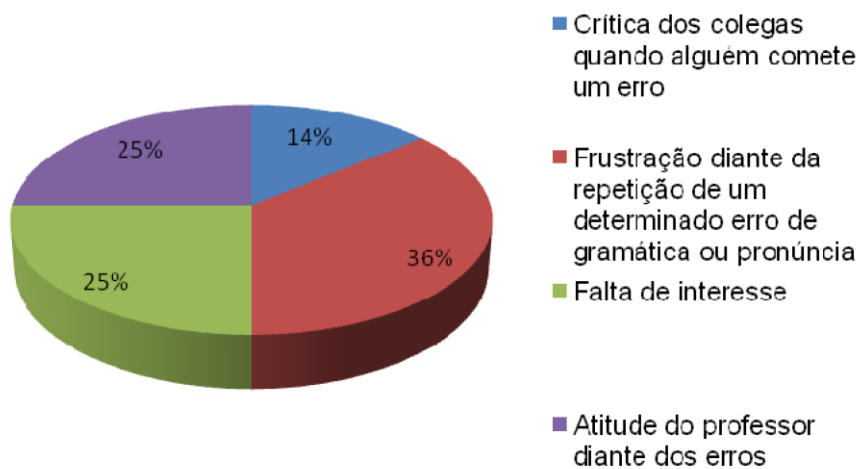
Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 7 - Você se sente a vontade falando Inglês em sua sala de aula?



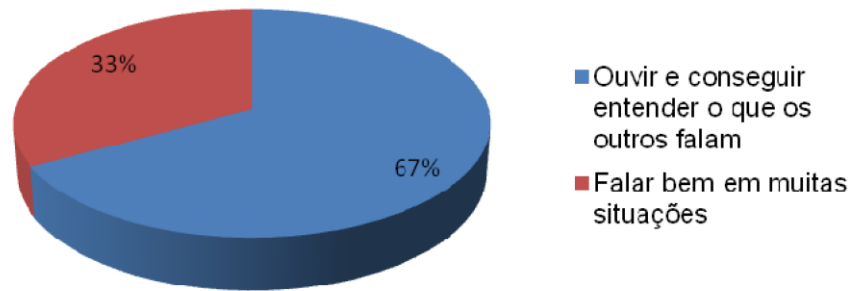
Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 8 - Qual a razão de não se sentir a vontade?



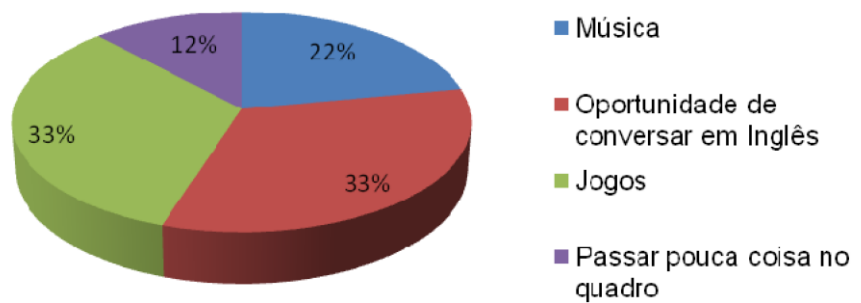
Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 9 - O que você gostaria de aprender nas aulas de Inglês?



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

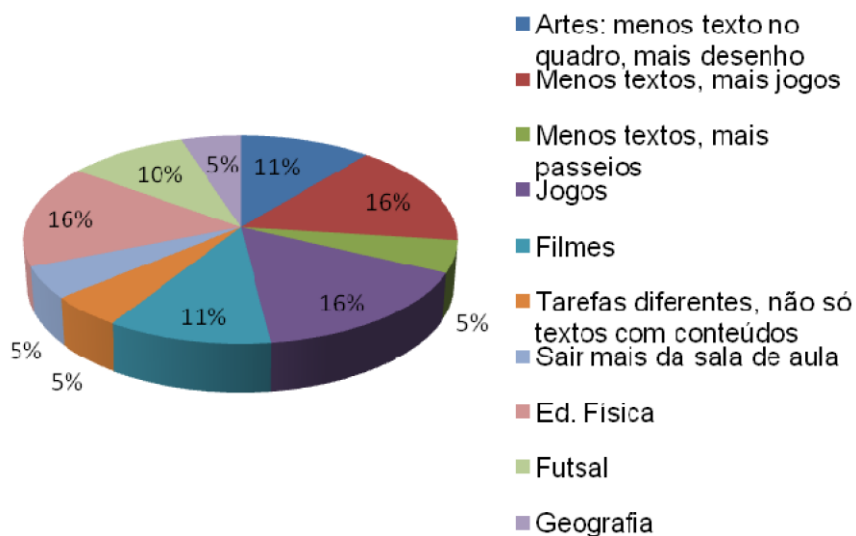
GRÁFICO 10 - Quais as atividades que deveriam ser dadas mais vezes?



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

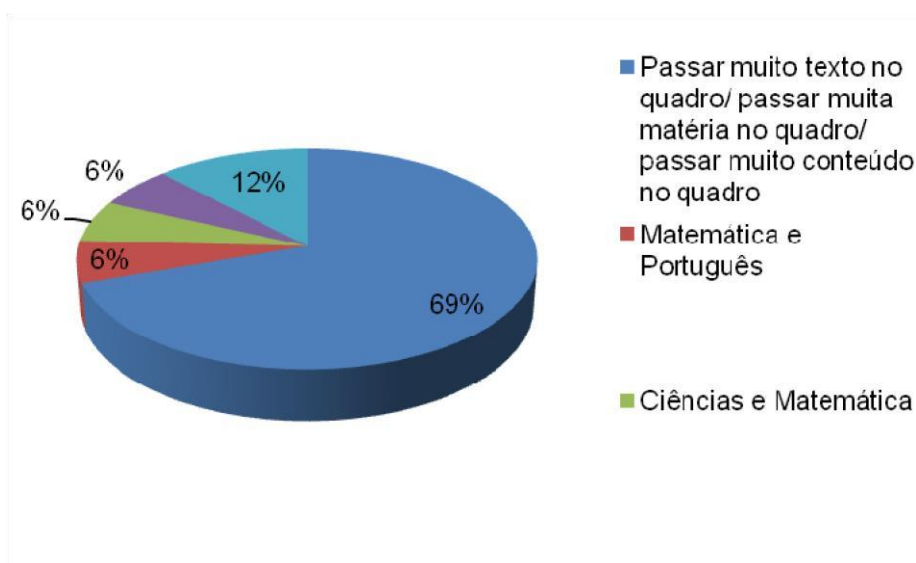
QUESTIONÁRIO APLICADO NO PRÉ-CONSELHO DE CLASSE

GRÁFICO 11 - Quais atividades você gostaria que seu professor fizesse mais?



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

GRÁFICO 12 - Qual atividade você não gostaria que o seu professor fizesse?



Fonte: Estudantes do Ensino Noturno. Elaborado pela autora.

Os estudantes se percebem alijados de um direito que lhes é garantido pela constituição, já que a crítica mais mordaz e pertinente que fazem é a da desigualdade na qualidade de ensino em relação ao período diurno. A constituição de 1988 garante, no artigo 208, inciso I e VI

[...]” Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (EC no 14/96, EC no 53/2006 e EC no 59/2009) (...) I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (...) VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”[...] (BRASIL, 1988, p.121:122)

Mesmo tendo este direito garantido por lei, o que se constata na prática é que não existe, ou muito pouco se vê, esta adequação de metodologias e de planejamento pedagógico para a realidade deste público atendido pela escola no período noturno. Muitas vezes os professores utilizam o mesmo planejamento do diurno para dar aula para o noturno, desconsiderando o fato de que o público atendido neste período é diferente, de alunos trabalhadores, muitos com família constituída e responsabilidades de adolescentes-adultos.

Enquanto os alunos, críticos conscientes dos problemas que percebem no cotidiano da escola, participaram ativamente da pesquisa realizada, participando dos pré-conselhos de classe, respondendo questionários sobre expectativas de aprendizagem e sobre aspectos que mais julgaram relevantes para seu aprendizado nas aulas dos professores; os demais membros da comunidade escolar, principalmente docentes e direção, se mostraram resistentes a fazer um processo de autocrítica e uma maior reflexão sobre os principais problemas do ensino noturno e proposições sobre maneiras de como atenuá-los ou, quiçá, superá-los. No relato dos estudantes aparece em vários momentos a marca da desesperança daqueles que se sentem excluídos ou incapazes de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem da sua turma. Em resposta ao questionário disponibilizado pela coordenadora pedagógica durante o pré-conselho de classe, sobre “o dia de aula que o professor deu e de que mais gostaram durante o ano letivo em questão”, alguns estudantes responderam de forma comovente. Tão sinceros em sua crítica e autocrítica, que suas narrativas poderiam ser vistas quase como um pedido de ajuda:

- Nenhum dia, porque eles só estão passando coisa difícil que não sabemos.”(estudante do 9º ano)
- “Nenhum, porque eles não passaram nada de bom, só tarefa e texto.”
- (estudante do 9º ano)
- “Nenhum, porque tenho dificuldade em tudo (até de prestar atenção).”
- (estudante do 9º ano)
- “Ele não fez nenhuma, só tarefa e mais tarefa.” (estudante do 9º ano)

Nesses relatos é possível perceber a dor, e uma certa revolta, de quem se sente excluído do processo de ensino aprendizagem e percebe que, talvez, ele seja o único que se importa com isso. A própria coordenação pedagógica não pôde constatar, no planejamento dos docentes, uma readequação de metodologias de ensino, ou tentativas de fazer uma mais eficaz transposição didática dos conteúdos, de forma que eles possam apreender o que está sendo ensinado.

Por outro lado, os estudantes reconhecem o esforço de uma das professoras, que algumas vezes tentou trazer diferentes estratégias para o ensino de sua disciplina, aproximando o conteúdo da realidade dos alunos. Em resposta a mesma questão formulada durante o pré-conselho de classe, sobre “a aula de que mais gostaram no ano letivo”, a maioria dos estudantes indicou uma aula na qual a professora de Geografia exibiu um filme. O vídeo estava associado ao conteúdo que ela estava trabalhando, e foi um sucesso, pois os alunos sabiam relatar o filme, e associar ao conteúdo que estavam estudando com a professora.

- Tão pouco, mas com resultados tão surpreendentes:
- “Dia de filme, porque foi divertido.” (estudante do 7º ano)
- “Geografia, porque ela passou vídeo.” (estudante do 7º ano)
- “Geografia, porque Geografia é fácil e bom para aprender.” (estudante do 7º ano)
- “Geografia! Porque ela passou filme...” (estudante do 7º ano)

Parece tão simples, um planejamento que não se pode chamar de inovador, mas exigiu um preparo a mais, um domínio a mais da tecnologia, uma discussão mediada depois e, surpresa, um diferencial alcançado. E de forma prazerosa. E o mais importante, eles se reconheceram como capazes de aprender Geografia, confiantes, acharam fácil. Ou seja, gostaram da disciplina e reconheceram o esforço da professora em fazer diferente, porque se identificaram como importantes e respeitados pela docente, que procurou alternativas para despertar o seu interesse e auxiliar o seu aprendizado.

4. PROBLEMAS DO ENSINO NO PERÍODO NOTURNO E A AUSÊNCIA DE UM PROJETO PEDAGÓGICO COLETIVO DE TRABALHO

Alguns problemas do ensino noturno mencionados por alunos e professores na pesquisa de Silva, Lourencetti e Rached são muito semelhantes aos que constatamos durante nossa pesquisa

[...] "agressividade mútua; falta de tempo e diálogo; cansaço físico e mental; monotonia das aulas; falta de material didático; falta de relação entre a Escola e a Vida; isolamento do trabalho do professor; rotatividade da direção e corpo docente; falta de um Projeto Pedagógico para o Noturno; indisciplina em sala de aula, desinteresse com os conteúdos e participação; falta de base e evasão dos alunos" [...] (SILVA, LOURENCETTI e RACHED, 1995)

Segundo os autores, a postura dos professores em relação aos discentes é contraditória, alguns afirmam que para serem respeitados precisam fazer o tipo “linha dura”, outros afirmam que o respeito vem através de um interesse legítimo no aprendizado do aluno e uma postura de “amizade”. Esta contradição aparece no depoimento dos docentes

[...] "Os alunos do noturno não têm interesse"
"Eles só vem atrás de bagunça e do diplominha para trabalhar"
"Eles são encantadores - param de estudar e voltam - há algo aqui que fazem eles dar muito valor à escola" [...] (SILVA, LOURENCETTI e RACHED, 1995, p.71)

No discurso de alguns professores percebe-se a exclusão: "Aluno de noturno é projeto de marginal!"; enquanto outros identificam a necessidade de compromisso da escola com os "meninos trabalhadores que são mais amadurecidos e tem vergonha de não saber". (SILVA, LOURENCETTI e RACHED, 1995, p.71)

Infelizmente, a pesquisa que aqui se apresenta pôde constatar nos relatos dos professores indícios de uma visão negativa sobre os seus alunos do período noturno, visão essa sentida e devolvida na forma de agressividade, falta de participação e desinteresse por parte de alguns estudantes, uma situação que tristemente se retroalimenta. E o mais curioso dessa situação de "juízo professoral" é que, devido a grande rotatividade do corpo docente e da direção na escola, não chegam a de fato conhecer estes estudantes, suas expectativas, seus anseios, suas potencialidades. É um juízo a partir de um aparente senso comum. Bourdieu (2007) constata que os julgamentos professorais

[...] "que pretendem aplicar-se à pessoa em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (como a roupa, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras e a conduta, que é percebido através das taxinomias socialmente constituídas, portanto, lido como sinal da qualidade e do valor da pessoa... O hexis corporal é o suporte principal de um julgamento de classe que se ignora como tal: tudo se passa como se a intuição concreta das propriedades do corpo... estivessem no princípio de uma apreensão e de uma apreciação globais das qualidades intelectuais e morais" [...] (BOURDIEU, 2007, p.193)

Outro problema recorrente e uma das críticas mais mordazes dos estudantes é a desigualdade da qualidade das aulas entre os períodos diurno e noturno, pois constatam que no período diurno os professores utilizam diferentes estratégias de ensino, que não são utilizadas no noturno: visitas, exposições, vídeos, etc. Todavia, quando questionados sobre as diferentes metodologias utilizadas, a maioria dos professores responderam que "trabalham de forma igual" nos dois períodos.

[...] "Trabalho igual nos dois períodos. Mas, evidentemente, que minha aula das sete da manhã é diferente das da sete da noite, pois a paciência é maior de manhã"
"Não pode ser igual. No noturno, você não tem como exigir... Mas eu acho que eles têm que saber! A Educação é a maior arma que o povo tem. Queira ou não queira, sofrendo ou não, tem que saber!"
"Os procedimentos são iguais. Eu mudo a forma de passar o conteúdo, mas a forma de exigir é a mesma."
"É claro que o Ensino Noturno é diferente do Diurno! Mas você tem que mostrar que é igual! Eles têm que perceber que é igual para poder levar a sério, se não eles não levam!" [...] (SILVA, LOURENCETTI e RACHED, 1995, p.71)

É perceptível a contradição no próprio discurso dos professores sobre o trabalho pedagógico desenvolvido com os alunos do noturno. Inclusive devido ao cansaço físico e mental que atinge alunos e professores neste período, pois os alunos em sua grande maioria são trabalhadores, e os docentes, quando iniciam o trabalho noturno, também já cumpriram dois turnos de trabalho anteriores. Relação perversa que atinge ambos os sujeitos protagonistas desse processo de ensino-aprendizagem.

Assim como na pesquisa de Silva, Lourencetti e Rached (1995), os dados levantados durante a pesquisa em nossa escola demonstram que um forte obstáculo a construção de um projeto pedagógico coletivo para o ensino noturno é a alta rotatividade do corpo docente e da direção. Os professores, contratados por contrato temporário tipo Processo Seletivo Simplificado (PSS), ficam no máximo um ano na escola, e no próximo ano letivo entra um novo grupo de professores.

Dessa forma, pouco chegam a conhecer da realidade da escola e fica difícil conhecer os próprios estudantes. Complicado também realizar flexibilização curricular sem conhecer com mais profundidade a realidade do seu público alvo, os estudantes do noturno. Quais são seus interesses? Quais são seus problemas? Quais são suas dificuldades? Quais são suas expectativas? Quais são seus sonhos?

No decorrer da pesquisa, procurou-se desvelar um pouco dessa realidade através da aplicação de vários instrumentos, tais como os questionários de expectativa de aprendizagem e os aplicados no pré-conselho de classe, que tiveram algumas de suas questões destacadas e analisadas anteriormente.

A alta rotatividade do corpo docente, onde a maior parte dos professores não chega sequer a permanecer um ano na escola, aliada a precarização cada vez maior do ensino público da rede estadual, processo acentuado para o período noturno, podem dar uma ideia da dificuldade de se assegurar um projeto pedagógico unitário, que possa ser construído coletivamente e encampado pelo coletivo dos docentes. Como, se a maioria não chega a ficar tempo suficiente para conhecer a realidade da escola, dos estudantes e da comunidade escolar?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Candau (1989) afirma que "quando olhamos o panorama do ensino no Brasil, a sensação que dá a nós, professores e cidadãos, é de uma enorme impotência".

Para Carvalho (1984),

[...]a burocratização, a falsa democratização da escolaridade, a precaridade didática do trabalho em sala de aula, a rotatividade escolar, e tantos outros problemas, são certamente acirrados no funcionamento do ensino noturno das escolas. E esta realidade não é um jogo de mocinhos e bandidos, onde professores ora são apontados como réus, ora como vítimas [...]a educação

no ensino noturno é um problema muito mais social do que pedagógico [...] não bastam soluções engendradas em gabinetes para que mudanças na escola aconteçam" [...] (CARVALHO, 1984)

Desta forma, as constatações elencadas nesta pesquisa nos dão a medida da necessidade de um processo de reflexão na escola, que vise transformar a realidade colocada ali, processo coletivo, que demanda tempo coletivo. Para Nóvoa (1992), "as soluções neste contexto geram soluções para serem implementadas coletivamente, corpo docente, escola, família, comunidade e alunos."

Para aqueles professores que optaram pela escola pública por entenderem que ali podem fazer a diferença e engendrar as sementes do porvir, cabe lembrar um pouco de como nos sentíamos, quando estudantes.

Durante nossa jornada na Educação, influenciemos e somos influenciados por pessoas, em menor ou maior grau. Professores são lembrados por ambos os motivos: excelência ou exclusão. Paulo Freire, em belíssimo relato de memória dos seus tempos de estudante, já destacava a influência simbólica do professor na vida do aluno. Que as palavras do mestre nos convidem a reflexão sobre que tipo de professores queremos ser...

[...]“O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu” [...] (FREIRE, 1996, p.43)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. **Os excluídos do interior**. In NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **ESCRITOS DA EDUCAÇÃO**. Tradução de Magali de Castro, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Diário Oficial da União, 05 de Outubro de 1988.

BRASIL, 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996. Acesso em: fevereiro de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

CANDAU, V.M.. Ensinar, hoje, na escola de 1º Grau: desafios e possibilidades. **CADERNO DE IDEIAS**, 1989, 6, 92:100.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. Ensino Noturno: realidade e ilusão. SP: Cortez, 1984.

COSTA, Márcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. **Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro.** Revista Brasileira de Educação, v11, n.31, jan./abr. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 34ª edição.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Responsabilização, meritocracia e privatização: conseguiremos escapar ao neotecnicismo?** III Seminário de Educação Brasileira, promovido pelo CEDES, no Simpósio PNE: DIRETRIZES PARA AVALIAÇÃO E REGULAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL, fevereiro de 2011. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br/seminario3/luiz_freitas.pdf Acesso em: junho de 2016.

NÓVOA, A (1992) **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Don Quixote Ed.

RIBEIRO, S.C. (1991) A pedagogia da repetência. ESTUDOS AVANÇADOS. IEA,5, 12, 7 – 21.

SILVA, Maria Helena Galvão Frem Dias da; LOURENCETTI, Gisela; RACHED, Maysa Nunes. S.O.S. escola noturna: uma tentativa de intervenção. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 1995, n.8-9, pp.63-76. Acesso em: maio de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n8-9/06.pdf>